Capítulo IV — O Homem

O mundo existe como um palácio magnífico; está ornado de tudo o que pode tornar-lhe a habitação agradável e cômoda. Suspensos na abóbada do céu como outros tantos lustres brilhantes, milhões de astros o iluminam dia e noite. A terra está coberta de um rico tapete, esmaltado de flores de toda espécie; o ar é embalsamado dos mais agradáveis perfumes; as árvores estão carregadas de frutos; os regatos murmuram; os peixes brincam nas águas; as aves fazem ressoar os campos com os mais agradáveis concertos; os animais esperam, num respeitoso silêncio, o senhor que lhes deve mandar.

> *Assim é, diz São João Crisóstomo, que, devendo o imperador fazer sua entrada numa cidade, todas as pessoas ligadas a seu serviço se adiantam, a fim de que, à chegada do monarca, tudo esteja pronto para recebê-lo*[1].

Mas quem será o rei a quem Deus destina um reino tão belo? Recolhamo-nos e prestemos ouvido.

Depois de lançar um último olhar sobre sua obra e reconhecer que tudo nela era bom, o criador recolhe-se em si mesmo, delibera, consulta-se; depois, saindo de repente de seu misterioso conselho, diz: Façamos.

E que vai fazer? Um anjo? Não. Um serafim? Não; vai fazer o anel sagrado que deve unir em si a criação material e a criação espiritual; vai fazer sua viva imagem; vai fazer o pontífice e o rei do universo! Vai criar o HOMEM.

Sim, essa obra-prima do Todo-Poderoso, esse ser que toda a criação chama com ardor e espera com respeito, é o homem: *«Façamos o homem á nossa imagem, e semelhança»*. Caiamos de joelhos; e, enquanto toda a criação nos honra, adoremos nós mesmos, mudos de admiração, o Deus que nos fez tão grandes.

Tudo marca no homem, mesmo no exterior, sua superioridade sobre todos os seres vivos. Enquanto os animais, curvados para a terra, não podem olhar senão para ela, o homem mantém-se direito e elevado: sua atitude é a do comando. Em sua fronte está impresso o sinal da realeza; um fogo divino anima os traços de seu rosto; seus olhos olham o céu, de onde ele vem, para o qual foi feito, e toda a natureza, que foi feita para ele. Seus ouvidos, cuja delicadeza extrema capta até uma nuança de tom; sua boca, agente da palavra; suas mãos, instrumentos de mil obras-primas; seu porte majestoso, seu andar firme e arrojado revelam igualmente sua nobreza e sua dignidade.

A esse corpo, obra-prima de suas mãos, Deus une um princípio espiritual, livre, imortal, que pensa, que ama, que quer, que raciocina e que nos distingue essencialmente dos animais e das plantas: é a alma.

Tentar provar que temos uma alma seria insultar a razão e a fé do gênero humano. O desprezo é a única resposta que convém aos absurdos grosseiros do materialismo.

> *Perdoo muitas coisas, dizia Napoleão; mas tenho horror ao ateu e ao materialista. Como quereis que eu tenha algo em comum com um homem que não crê na existência da alma, que crê ser um punhado de lama e que quer que eu seja, como ele, um punhado de lama[2]?*

Mas como dizer a excelência da alma humana? Vi as belezas da terra; admirei as magnificências dos céus; contemplei as obras-primas das artes: vi a beleza de uma alma? Não. A alma é algo tão perfeito e tão elevado acima dos seres corporais que me é tão impossível imaginar a beleza de um espírito quanto a um cego de nascença representar-se a riqueza e a variedade das cores. Enquanto meu corpo, obra-prima da criação, envelhece e se altera, minha alma, sempre íntegra em sua substância, permanece a mesma, superior aos estragos da doença, alheia às rugas da velhice. Enquanto meu corpo, preso à terra, só vive no presente, minha alma, livre de todo entrave, abraça as diferentes relações da duração.

Vive no passado, remonta até a origem dos tempos e ressuscita, para conversar com elas, as gerações sepultadas no pó. Vive no presente e, sem sair de si mesma, percorre o universo em todos os sentidos. Num piscar de olhos vai de um polo a outro, do Oriente ao Ocidente, visita as nações, vê seus costumes e seus usos; penetra os segredos da natureza, descobre as propriedades das plantas e dos animais; desce às entranhas da terra, estuda-lhe a estrutura e dela tira riquezas; depois, como brincando, sobe aos céus, mede a grandeza do firmamento e calcula com precisão o movimento dos astros. Vive no futuro, penetra-lhe os segredos por raciocínios e conjecturas sólidas; e isso não é senão uma parte de sua glória. Apertada neste vasto universo, lança-se para além dos sóis e dos mundos, eleva-se até o Ser fonte de todos os seres e, embora ele habite uma luz inacessível, seu olhar, fortalecido pela fé, contempla-lhe os esplendores e a própria alma se diviniza, unindo-se a ele pelo amor.

Depois disso, perguntar-me-eis qual é o preço de uma alma? Dirijo a mesma pergunta aos sábios, à terra e aos céus. Para responder-me, esgotam-se em palavras eloquentes ou encerram-se num silêncio ainda mais eloquente. Dirijo-me ao próprio Deus; e esse grande Deus, tomando-me pela mão, conduz-me ao cume de uma montanha e, ali, tirando um véu tinto de sangue, mostra-me seu próprio Filho morto numa cruz e diz-me: Eis o que vale uma alma: anima, tanti vales.

Imagem de Deus, o homem é rei. Colocada no corpo, como uma rainha em seu palácio, a alma tem sob suas ordens cinco ministros fiéis, que lhe trazem, cada um por sua vez, às vezes todos juntos, a homenagem do universo. Esses ministros chamam-se a vista, o ouvido, o olfato, o paladar e o tato.

Desde as profundezas mais remotas do firmamento, onde estão as estrelas fixas, até a superfície da terra, tudo o que é visível é do domínio do olho; todos os sons, por mais diversos que sejam, do domínio do ouvido; todos os odores pertencem ao olfato, todos os sabores ao paladar, todos os

corpos ao tato. Graças a essa maravilhosa administração, não há beleza, nem melodia, nem perfume, nem sabor, nem impressão que escape ao gozo do homem. Assim, o mundo inteiro é reduzido ao uso de seu rei e, por esse uso, à unidade.

Mas é no homem que as criaturas devem parar? É ele o seu fim último? Não; de outro modo seria Deus. Que pedem, então, as criaturas ao homem, ao darem-se a ele? Vindas de Deus, dizem-lhe, devemos honrar aquele que nos fez; mas não podemos honrá-lo de maneira digna dele. Não temos espírito para conhecê-lo, nem coração para amá-lo, nem boca para bendizê-lo, nem liberdade para adorá-lo: só tu podes saldar nossa dívida; sem ti a natureza é muda; contigo ela canta ao Criador um eterno cântico.

Que é, pois, o homem no meio da criação? É um pontífice num templo; sua vítima é o mundo e ele mesmo; a espada do sacrifício, sua vontade; o fogo do holocausto, seu amor. Adorador composto de um corpo que o une a todas as criaturas materiais e de uma alma que o associa aos seres espirituais; resumo do universo, cujas partes todas convergem para ele; mediador colocado entre as coisas visíveis e invisíveis, é a voz das criaturas, seu coração, seu deputado. Quanto menos elas podem ser religiosas por si mesmas, mais lhe impõem a necessidade de ser religioso por elas[3].

Eis o homem, não tal como o vemos hoje, pois o que vemos não é senão uma ruína, mas tal como saiu das mãos do Criador. Dissemos uma parte de sua glória; quem dirá sua felicidade? Criado em estado de graça e de justiça sobrenatural, o homem, nos dias da inocência, conhecia Deus claramente; conhecia-se a si mesmo, conhecia toda a natureza: eis quanto à inteligência. Nascida para conhecer, como o olho para ver, a inteligência do primeiro homem estava satisfeita. Logo, sob esse primeiro aspecto, felicidade.

Amava a Deus com um amor vivo, terno, puro e tranquilo, e em Deus e por Deus amava-se a si mesmo e a todas as criaturas: eis quanto ao coração. Nascido para amar, como o fogo para queimar, o coração do primeiro homem estava satisfeito. Logo, sob esse segundo aspecto, felicidade.

Isento de enfermidades e doenças, não devia jamais conhecer a morte. Em seu corpo, era, pois, feliz; numa palavra, unido ao Ser que é ele mesmo a fonte da felicidade e da imortalidade, o homem inteiro participava da felicidade e da imortalidade.

Daí, para Deus, no estado primitivo, o exercício, sem resistência, de seu império sobre o homem e, pelo homem, sobre todas as criaturas: omnia in omnibus. Daí, para o homem, verdade, caridade, imortalidade; daí, entre Deus e o homem, união íntima; daí, para Deus, a glória, para o homem a paz, para a criação inteira a ordem e a harmonia[4].

Então ressoava de todas as partes do universo o delicioso cântico que os Anjos deviam, quarenta séculos mais tarde, ensinar de novo à terra, anunciando-lhe a vinda do Reparador de todas as coisas:

> *Gloria a Deos no mais alto dos ceos, e paz na terra aos homens, a quem elle quer bem*[5].

Notas

[1] Homil. XI, ad pop. Antioch.

[2] Sentimento de Napoleão sobre o Cristianismo, etc.

[3] S. Greg. Naz., Orat. XXXVIII.

[4] O Anjo da escola descreve longamente as prerrogativas do homem inocente: o que dizemos aqui e alhures não é senão o resumo de sua doutrina. Cum Adam peccaverit, manifestum est quod Deum per essentiam non videbat. Cognoscebat tamen Deum quadam altiori cognitione quam nos nunc cognoscamus, et sic quodam modo ejus cognitio media erat inter cognitionem præsentis status et cognitionem patriæ, qua Deus per essentiam videtur. Deus fecit hominem rectum. — Ecl 7. — Hæc autem fecit rectitudo hominis divinitus instituti ut inferiora superioribus subderentur, et superiora ab inferioribus non impedirentur. Unde homo primus non impediebatur per res exteriores a clara et firma contemplatione intelligibilium effectuum, quos irradiatione primæ veritatis percipiebat, sive naturali cognitione, sive gratuita. Unde dicit Aug., in II Gen. ad litt. 33, quod fortassis Deus primis hominibus antea loquebatur, sicut cum angelis loquitur, ipsa incommutabili veritate illustrans mentes eorum, et si non tanta participatione divinæ essentiæ quantum capiunt angeli. — S. Th., q. 94, art. 1.

[5] Lc 2, 14.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:05 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:05 by Admin